

Political organizations of the XIX century were mass parties that still needed the charismatic leadership of the commander, true “gaucho’s union”. A “better gaucho” which was unconditionally followed. *Aire libre y carne gorda* stated the emblem and it was a defiance program, one of needs not of solutions. The commander was the solution in which they trusted.

The revolutions allowed the countryman to stop being a poorly paid laborer and become a haughty gaucho for a while. Fellow countrymen expelled from the plots due to the wiring; farmers who marched to battles with all their laborers and their families; but also, urban followers – *dotor* [a playful variation of “doctors”]- who followed the commander like a magnet.

Some of them wrote chronicles about the risings clearly stating which was the effect of the leadership. Thus wrote Carlos María Ramírez in 1870, before the spectacle of the Revolution of the Lances:

*"Horses, both those of the roughest work and those of the highest estimation, belong only to the first who takes or discovers them, provided he carries an emblem of any color on his hat. Herds do not belong to the man who spent his capital and labor and his existence to raise them but to the first army, the first division, the first gang that passes, that needs to be fed and that butchers even if the enemy approaches and forces it to leave the carcasses uselessly on the field. A picture of everyday and of every hour a day!*

The emblems (then parties) were functional to democracy but only after a long and bloody learning. The need to respond to the international meat market since the refrigeration system was introduced, the rural police, the wiring: all modernizing changes called for pacification and cornered the gaucho. The coin, the capitalist productivity symbol, the same that embellished their belts and vests, will be the one that defeats him.

As organizações políticas do século XIX eram partidos de massas que ainda precisavam da liderança carismática do caudilho, o verdadeiro “sindicato gaúcho”. Um “gaúcho melhor” que eles seguiam incondicionalmente. *Ar livre e carne gorda* era o lema, e era um programa de revolta e necessidades, não de soluções. O caudilho era a solução em que confiavam.

Para o homem do campo, as revoluções permitiram-lhe, durante algum tempo, deixar de ser um peão mal pago e tornar-se um gaúcho altivo. Homens do campo expulsos pelo cercamento dos campos; proprietários de terras que marchavam para as batalhas com toda a sua peonada e arrimados; mas também seguidores urbanos -dotores (sem u) - que seguiam o caudilho com uma atração magnética.

Alguns deles escreveram crônicas sobre as revoltas, assinalando claramente o efeito do caudilhismo. Assim escreveu Carlos María Ramírez em 1870, em resposta ao espetáculo da “Revolución de las Lanzas”:

*“Os cavalos, quer sejam do trabalho mais rude ou da mais alta estima, pertencem apenas ao primeiro que os leva ou descobre, desde que use um distintivo de qualquer cor no seu chapéu. Os rebanhos não pertencem ao homem que gastou o seu capital, o seu trabalho e a sua existência para os criar, mas ao primeiro exército, à primeira divisão, à primeira multidão que passa, que precisa de ser alimentada, e que os abate, mesmo que o inimigo se aproxime e o obrigue a deixar o gado morto inutilmente no campo. Uma imagem de todos os dias e de todas as horas do dia”!*

As *divisas* (depois partidos) eram funcionais à democracia, mas só depois de uma longa e sangrenta aprendizagem. A necessidade de responder ao mercado internacional da carne desde o aparecimento do sistema de refrigeração, a polícia rural, as cercas de arame: todas as mudanças modernizadoras exigiram pacificação e encurralaram o gaúcho. A moeda, símbolo da produtividade capitalista, a mesma moeda que adorna o seu cinto e os seus coletes, será a que o derrotará.